



## **PSICOLOGIA: CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES** Comportamento Humano e Relações Ambientais

Manuela de Queiroz Cruz

### **RESUMO:**

Diante dos diversos problemas ambientais vivenciados na contemporaneidade, as preocupações com a temática ambiental vêm se tornando alvo de discussões, principalmente no que tange aos fatores que podem ser considerados como causas da degradação do meio ambiente, dentre eles, o comportamento humano. A ciência da Psicologia surge como suporte para esta discussão e adentra no campo ambiental a fim de explicar as possíveis motivações humanas em conjuntura.

**Palavras chave:** psicologia, comportamento ambiental, sustentabilidade.

### **ABSTRACT:**

In the face of the various environmental problems experienced in the contemporary world, concerns about environmental issues have become the focus of discussion, especially regarding factors that can be considered as causes of environmental degradation, among them, human behavior. The science of psychology emerges as a support for this discussion and enters into the environmental field in order to explain possible human motivations in conjuncture.

**Keywords:** Psychology, environmental behavior, sustainability.

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente artigo é um ensaio acerca da discussão sobre comportamento humano e meio ambiente, uma vez que a percepção da díade pessoa-ambiente está intrinsecamente relacionada e caracterizada pelo intercâmbio de mútuas influências, denotando não só que o homem é influenciado pelo meio ambiente, mas também que o entorno em que vive (ou se encontra) é fruto de sua ação, bem como a constatação de que a ação humana se reflete diretamente ao seu redor, embora muitas vezes suas consequências não sejam temporal ou espacialmente perceptíveis de imediato.

A Psicologia ainda norteia a investigação das motivações das ações humanas em relação ao meio ambiente, evidenciando valores e crenças que fundamentam as diversas condutas. É necessário salientar que estas condutas perpassam por diferentes culturas, por diferentes subjetividades e se tornam imprevisíveis e dinâmicas. Neste sentido, a compreensão por essa diversidade humana comportamental torna-se cada vez válida e instigante, principalmente pela tão discutida questão ambiental.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

Cada vez mais o Homem deseja e anseia por ganhos materiais o que o leva a pensamentos e ações que geram consequências para o meio ambiente, como a urbanização, o desmatamento, a poluição, dentre outros. Além disto, essas ações humanas geram diversas mudanças no estilo de vida destes seres. Estas alterações não só serão nos estilos de vida, mas também nas identidades atuais em formação.

De acordo com Hall (2005), as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, visto como um sujeito unificado. Assim, a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável

no mundo social. Para Hall (1987), esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Logo, a Psicologia, surge com diversos conceitos que auxiliam na compreensão acerca do comportamento humano em meio não só a crise ambiental, mas também de identidades a qual perpassamos.

.Segundo Corraliza (1998), um dos processos mais relevantes da interação indivíduo-ambiente está relacionado à conversão do espaço físico em espaço significativo para o indivíduo. O significado do ambiente se refere à representação que um ambiente tem para um sujeito. Na análise desse significado, deve-se levar em conta: os processos culturais, sociais, políticos, entre outros, na construção social do significado espacial; a experiência emocional de um lugar, que considera os aspectos individuais e que tem por base a relação dialética do sujeito e do ambiente, onde o meio interfere na construção do sujeito e este, na construção daquele (CORRALIZA, 1998).

Para a Psicologia, os problemas ambientais oferecem dupla oportunidade: desenvolver teórica e cientificamente conhecimentos sobre a forma de agir das pessoas, e influir nos rumos da sociedade em um de seus aspectos mais fundamentais (CORRALIZA, 1997). É necessário que possamos compreender essa relação do Homem (comportamento) e Ambiente na sua profunda forma de interação, dinamismo e representações. De acordo com Moscovici (1981), as representações sociais seriam um conjunto de conceitos, proposições e explicações criado na vida cotidiana no decurso da comunicação interindividual. São o equivalente, na nossa sociedade, dos

mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais, podem ainda ser vistas como a versão contemporânea do senso comum.

As representações sociais, segundo definição clássica apresentada por Jodelet (1985), são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. São, conseqüentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos — imagens, conceitos, categorias, teorias —, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam.

Moscovici (1988) reconhece amplamente que, ao enfatizar o poder de criação das representações sociais, acatando sua dupla face de estruturas estruturadas e estruturas estruturantes, inscreve sua abordagem entre as perspectivas construtivistas. Inscreve-a, entretanto, no movimento maior, aqui denominado terceiro movimento das teorias do conhecimento. De acordo com o Campo das Ciências Sociais, o contexto social de longo alcance foi denominado imaginário social, definido aqui como a “teia de significados tecidos pelo homem ao longo da história da espécie” (Geertz, 1978). O imaginário social seria, assim, o conjunto cumulativo das produções culturais que circulam numa determinada sociedade sob formas as mais variadas: iconografia, literatura, canções, provérbios, mitos. São, ainda, reinterpretadas pelo grupo, ou, mais especificamente, pelo *habitus*, entendido, conforme definido por Bourdieu (1983), como disposições adquiridas em função de se pertencer a determinados grupos sociais.

Entretanto, as representações sociais não são meras (re)combinações de conteúdos arcaicos sob pressão das forças do grupo. Elas são também alimentadas pelos produtos da ciência, que circulam publicamente através da mídia e das inúmeras versões populares destes produtos. A co-existência de permanências e novidade no campo socialmente estruturado permite entender melhor a questão da diversidade.

É este imaginário social que permite a significação de pontos de ancoragem para que o indivíduo e coletividade construam suas representações do meio em que vive, inclusive acerca do meio ambiente. Aceitar a diversidade implícita do senso comum, entretanto, não significa abrir mão do consenso, pois algo sempre sustenta uma determinada ordem social: pressupostos de natureza ideológica, *epistêmes* historicamente localizadas ou, até mesmo, ressonâncias do imaginário social. Afinal, as representações são elaboradas a partir de um campo socialmente estruturado e são frutos de um *imprinting* social. Mas, como aponta Morin (1983), há zonas fracas neste *imprinting* que permitem com que haja movimento, mudança, abertura à novidade, novas formas de ancorar fatos pouco familiares. Moscovici (1978) a concebe como um processo de domesticação da novidade sob a pressão dos valores do grupo, transformando-a em um saber capaz de influenciar, pois “nos limites em que ela penetrou numa camada social, também se constitui aí num meio capaz de influenciar os outros e, sob esse aspecto, adquire status instrumental”. Em suma, a ancoragem é feita na realidade social vivida, não sendo, portanto, concebida como processo cognitivo intra-individual.

A cristalização de uma representação nos remete, por sua vez, ao segundo processo: a objetivação. A objetivação é essencialmente uma operação formadora de imagens, o processo através do quais noções abstratas são transformadas em algo concreto, quase tangível, tornando-se “tão vívidos que seu conteúdo interno assume o caráter de uma realidade externa” (Moscovici, 1988). Este processo implica três etapas: primeiramente, a descontextualização da informação através de critérios normativos e culturais; em segundo lugar, a formação de um núcleo figurativo, a formação de uma estrutura que reproduz de maneira figurativa uma estrutura conceitual; e, finalmente, a naturalização, ou seja, a transformação destas imagens em elementos da realidade.

Neste momento, é importante salientar as mudanças que ocorrem com a Modernidade, pois as representações sociais constantemente mudam neste período e assim perpassam para novas gerações. Para Bauman (2011), a modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e, assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação. Na modernidade, o tempo tem *história*, tem história por causa de

sua capacidade de carga, perpetuamente em expansão – o alongamento dos trechos do espaço, que unidades de tempo permitem “passar”, “atravessar”, “cobrir” – ou conquistar. O tempo adquire história uma vez que a velocidade do movimento através do espaço (diferentemente do espaço eminentemente inflexível, que não pode ser esticado e que não encolhe) se torna uma questão do engenho, da imaginação e da capacidade humanas.

De acordo com Durkheim (1972), o indivíduo se submete à sociedade e essa submissão é a condição de sua libertação. Para o homem a liberdade consiste em não estar sujeito às forças físicas e cegas; ele chega a isso opondo-lhe a grande e inteligente força da sociedade, sob cuja proteção se abriga. Ao colocar-se sob as asas da sociedade, ele se torna, até certo ponto, dependente dela. Mas é uma dependência libertadora; não há nisso contradição. Assim, infere-se que o contato social é importante no processo de construção das diferentes subjetividades, uma vez que a relação com o coletivo permitirá a transformação deste indivíduo. Suas representações individuais passam a serem coletivas quando este se socializa com o ambiente cuja qual esteja inserido e constrói sua “identidade cultural/ambiental”.

### **Comportamento Humano e relações ambientais**

Sabemos que os comportamentos ambientais estão intrinsecamente correlacionados à cultura em que o indivíduo ou grupo está inserido, logo segundo Bomfim (2003), a afetividade, dentro da perspectiva histórico-cultural, apresenta-se como uma categoria de análise integradora das cisões que fazem parte da Psicologia. Isso possibilita uma compreensão global, que envolva a totalidade e que não dicotomize esse par pessoa-ambiente. Daí a importância da compreensão cultural do indivíduo na sua relação com o ambiente.

Já Laraia (2001), afirma que cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é

necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir. A participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura.

A dimensão simbólica que se refere ao conteúdo simbólico de origem sociocultural e individual que atua como intermediário no relacionamento pessoa-ambiente, influenciando o modo como cada indivíduo e/ou grupo compreende e age frente às diferentes situações em que se encontre. E por fim, a dimensão relacional que corresponde à interação dinâmica entre o envolvimento social cotidiano (sobretudo no tocante a amigos e familiares) e as características do ambiente onde o mesmo acontece, relação que, ao conectar cognitivamente e afetivamente pessoas e ambiente, auxilia na definição da identidade pessoal e comunitária (HUMMON, 1992). Estas dimensões nos permitem inferir que o sentimento do coletivo (comunidade), surge a partir do momento em que a pessoa se percebe como pertence a um grupo e a um lugar específicos, entendendo que há uma relação única entre ambos, além de ser um processo contínuo, uma vez que este será registrado em suas lembranças por toda sua vida as imagens deste local e das pessoas que lá estiveram.

Para Vigotski (1998), no processo de desenvolvimento infantil, surge uma conexão entre as funções de percepção e de memória eidética, e com isso um novo conjunto único, em cuja composição a percepção age como parte interna. Surge uma fusão imediata entre as funções do pensamento visual e as da percepção, a essa fusão é tal que *não podemos separar a percepção categorial da imediata*, ou seja, a percepção do objeto enquanto tal do sentido, do significado, desse objeto.

O mesmo autor afirma que surge uma conexão entre a linguagem ou a palavra e a percepção, que o curso, normal da percepção na criança muda se olharmos para essa percepção através do prisma da linguagem, se a criança, não se limita a perceber, mas conta sua percepção. Essas conexões interfuncionais existem em qualquer lugar e que graças ao aparecimento de novas conexões, de novas unidades entre a percepção e outras funções, produzem-se importantíssimas mudanças, importantes propriedades diferenciadoras da percepção do adulto desenvolvido, inexplicáveis se considerarmos a evolução das percepções isoladamente e não como parte do complicado

desenvolvimento da consciência em sua totalidade. , pois será através deste modelo que a criança, juntamente com as suas percepções organizará seus comportamentos no meio em que vive.

## **O Homem e a Sustentabilidade**

O conceito de sustentabilidade, nos dias atuais, tornou-se bastante discutido, já que as ações humanas são percussoras para que estas recentes práticas de modo de vida aconteçam daí a importância cada vez mais dos estudos entre a relação dos comportamentos humanos e sustentabilidade.

Para Sachs (1980), a sustentabilidade tem hoje muitas definições. No geral elas remetem à dimensão ambiental (nesse caso nasce do conceito da biologia de resiliência) ou à articulação entre a economia e o meio ambiente (ecoeficiência, economia verde) ou, finalmente, à equidade social. No fundo trata-se de construir um modelo de desenvolvimento que permita conservar a natureza de forma que as futuras gerações possam gozar de um meio ambiente equilibrado e, ao mesmo tempo, garantir que todos os homens e mulheres possam usufruir de uma vida minimamente digna. O conceito remete, portanto, a durabilidade do gênero humano em condições de justiça social, em que todos os seus membros possam desenvolver suas potencialidades.

Lugar é uma essência ou categoria espacial que implica proximidade. Embora alguns o tomem como conceito multiescalar (TUAN, 1983), é na escala da experiência corpórea que ele tem sua maior força e seus significados são mais densos e abundantes (RELPH, 1976). Assim, a percepção do sujeito frente ao seu ambiente é importante para as futuras práticas que este terá com o lugar em que vive, podendo atribuir conceitos de *topofilia*<sup>1</sup> ou *topofilia*<sup>2</sup>, o que implicará conseqüentemente em seus comportamentos, ou de cuidado ou de desprezo.

Desta forma, podemos nos indagar acerca da relação entre controle do comportamento humano e Sustentabilidade, no sentido de que as práticas sustentáveis

---

<sup>1</sup> Elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico;

<sup>2</sup>Medo do lugar físico.



estariam relacionadas as boas práticas de comportamento, ou melhor, a um comportamento de *topofilia* destes indivíduos, uma vez que demonstram um maior elo e consequentemente um maior apego e cuidado a estes ambientes. Boff (2000, p. 89) ressalta a incompletude de um “meio” ambiente e o desejo de um ambiente inteiro, exigindo “uma ecologia que inclui o ser humano com a sua mente e coração, entrando num outro estado de consciência, numa nova veneração diante de cada ser. Esta é uma ecologia também espiritual, uma ecologia integral”

## 5 NOTA CONCLUSIVA

Aos finalizarmos o presente artigo, infere-se a importância das relações coletivas no processo de construção da personalidade humana, uma vez que este “ser social” irá criar apego ao ambiente em que vive e assim comportar-se no meio de forma a garantir a proteção deste. No momento em que este indivíduo através de seus *habitus*, juntamente com a cultura ao qual está inserido internaliza comportamentos sustentáveis sob o meio em que vive, estará garantindo o equilíbrio deste ambiente, bem como disseminando práticas positivas para as futuras gerações.

Assim, é necessária a compreensão das diversas subjetividades coletivas e diferentes comportamentos em detrimento da multidiversidade de culturas presentes em nosso planeta. Cada qual irá comportar-se de forma diferente em relação às práticas ambientais e sustentabilidade. A Psicologia Ambiental surge então, como ponto mediador para a explicação de alguns destes comportamentos e assim lança-se na discussão ambiental, sendo cada vez mais reconhecida e utilizada por inúmeros pesquisadores da área.

Cada indivíduo a partir de suas representações sociais criará mecanismos de estratégia ao ambiente em que está inserido e assim perpassará para sociedade. Estes, podem ser de elos afetivos ao lugar, onde temos comportamentos topofílicos, ou de adversidade a estes ambientes, na qual denominamos de comportamentos topofóbicos. A sustentabilidade surge então, como proposta para adequação ao uso dos recursos do ambiente. Diante da crise e escassez destes recursos, surgem teorias

e conceitos sustentáveis que se disseminam para os diversos grupos e assim são absorvidos de acordo com os pontos de ancoragem de cada ser, permitindo que a ciência Psicologia, permeie discussões acerca destes comportamentos e do conceito tão discutido e polêmico acerca da sustentabilidade, garantindo melhores práticas e explicações as práticas humanas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BONFIM, Z. A. C. (2003). *Cidade e afetividade: Estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo*. Tese de doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BOURDIEU, P. 1983. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- CAVALCANTE, Sylvia et al. **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CODO, Wanderley et al. **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CORRALIZA, J. A. (1998). **Emoción y ambiente**. In J. I. Aragonés, & M. Américo. *Psicología ambiental (pp. 281-302)*. Madrid, España: Ediciones Pirâmide.
- DIEGUES, Antônio C. S. (1998) **O mito moderno da natureza intocada**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec.
- DURKHEIM, Émile. **De Sociologie et philosophie**. Cambridge: Cambridge University Press, 1972, p.115.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- \_\_\_\_\_. (1987). **"Minimal Selves"**, in *Identity: The Real Me*. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts.
- \_\_\_\_\_. (1990). **"Cultural identity and Diaspora"**. In Rutherford, J. (org.). *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart.
- JODELET, D., 1985. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: *Psicologia Social* (S. Moscovici, org.), pp. 469-494, Barcelona: Paídos.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- MORAES, Antônio. C.R. **Meio Ambiente e Ciências Humanas**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec.
- MORIN, E., 1983. **O Problema Epistemológico da Complexidade**. Lisboa: Europa-América.
- SCHULTZ, D. P., & SCHULTZ, S. E. (2002). **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cultrix.